

ÉTICA CRISTÃ

José Antonio TRASFERETTI¹

RESUMO

O texto se propõe a uma reflexão que recupere as balizas centrais da ética cristã clássica e, ao mesmo tempo aponte os desafios e perspectivas para o mundo de hoje. Num mundo globalizado e pluralista em constante mutação a ética cristã precisa encontrar a sua centralidade. Deverá buscar uma identidade própria para responder aos problemas do nosso tempo. Neste sentido, deverá ser crítica, criativa, construtiva, aberta ao diálogo e necessariamente engajada.

Palavras-chave: ética cristã, filosofia, criticidade, identidade.

CHRISTIANETHICS

ABSTRACT

This paper proposes a reflection which recover the main points of classic Christian ethics and, at the same time, points to the challenges and perspectives for contemporary world. In a globalized and pluralist word which is in continuous mutation, Christian ethics need to found its center. It needs to found its own

⁽¹⁾ Dr. em Filosofia e Teologia. Professor Titular da PUC-Campinas, coordenador do programa "Stricto Sensu" em filosofia.

identity in order to answer to the challenges of our time. In this sense, it must be critical, creative, constructive, open to dialogue and necessarily engaged.

Keywords: *Christian ethics, philosophy, criticism, identity.*

INTRODUÇÃO

Refletir sobre a ética cristã hoje é um desafio porque não temos uma formulação exata sobre este argumento. A ética cristã encontra-se dispersa pelos inúmeros apelos da sociedade chamada “pós-moderna” ou “hiper-moderna” como querem outros. A fragmentação do saber penetrou no seio da sociedade e ganhou espaço entre os produtores dos grandes veículos de comunicação e do saber. O próprio cristianismo encontra-se perdido sem uma identidade que lhe confira a clareza do seu papel na sociedade. As rápidas transformações sociais impedem que se crie uma consciência rigorosa, pois tudo é passageiro e instantâneo.

Vivemos o tempo presente com suas inquietudes e incompreensões cada vez mais velozes. Entretanto, é fundamental que a ética cristã encontre o seu espaço, o seu eixo orientador para uma formulação adequada dentro do pluralismo característico do nosso tempo. Talvez, seja necessário pensar uma ética mundial como quer Hans Küng, ou uma ética ecológica como anuncia Leonardo Boff ou ainda buscar clarificações nas várias éticas aplicadas que reinam em nosso ambiente. De todo modo, vamos iniciar refletindo sobre a ética cristã em sua formulação clássica com seus autores e reflexões próprios que tanto marcaram o nosso patrimônio cultural.

1. ÉTICA CRISTÃ: ASPECTOS PRINCIPAIS

Podemos considerar a ética cristã em sentido filosófico, aquela que predominou no Ocidente (Europa principalmente) no período que vai do século I ao século XIV da nossa era. Trata-se de um longo

período que compreende duas importantes épocas: a primeira, que vai até o século V (Filosofia Patrística); a segunda, que vai do século V ao século XIV (Filosofia Escolástica). A ética cristã tem como tarefa buscar a conciliação das necessidades da razão humana com a revelação divina. Este tem sido o problema central e o modo de enfocar, analisar e solucionar este problema tem perpassado várias épocas. Os representantes da filosofia patrística (séculos I a V) que mais se destacam são: São Justino (+165 D.C.); Tertuliano (+155 D.C.); Santo Agostinho (354-430 D.C.). Os representantes da filosofia escolástica medieval (séculos XI e XIV) são: Santo Anselmo (1033-1109); Pedro Abelardo (1079-1142); Santo Tomás de Aquino (1221-1274); John Duns Scot (1270-1308); Guilherme de Ockham (1229-1350).

São Justino parte do conceito de *logos* procurando estabelecer uma ligação entre a filosofia considerada pagã e o cristianismo nascente. O *logos* é a sabedoria divina que encontrou em Cristo sua máxima expressão. O *logos* é entendido como verbo encarnado. São João em seu evangelho também utiliza esta mesma expressão: “E o verbo se fez carne e habitou entre nós”. Entretanto, entende Justino, que já existia uma semente deste *logos* presente na sociedade antes de Cristo, na medida em que cada ser humano no exercício da sua racionalidade participa do mesmo. Assim, muitos profetas e filósofos (mesmo sendo pagãos) tiveram em si a presença desta semente divina. Para São Justino, o cristianismo seria a continuação natural da filosofia grega. Assim, diz:

Nós recebemos a revelação de que Cristo é o primogênito de Deus e, anteriormente, já afirmamos que Ele é o *logos* do qual todo o gênero humano participa. Assim, os que viveram conforme o *logos* são cristãos, mesmo que tenham sido considerados pagãos, como aconteceu entre os gregos como Sócrates, Heráclito e muitos outros. (*Apologia*, I, 46, 2-3).

Tertuliano, porém, tem uma visão diferente. Para ele, existe uma oposição entre a razão (própria dos filósofos) e a fé (própria do

cristão). Razão humana e revelação divina são coisas distintas, sem concordância. A razão é fonte de erro e leva à corrupção. A fé é promotora da verdade, salva e purifica. Tertuliano critica inclusive os pensadores antigos, quando utilizam a Bíblia (sobretudo o Antigo Testamento) em seus estudos e escritos. Para ele trata-se na verdade, de heresias, falsas interpretações e uso equivocado. Tertuliano se pergunta sobre o que existe de comum entre Atenas e Jerusalém? Para ele seria difícil um acordo ou uma boa convivência entre a Academia e a Igreja, ou entre hereges e cristãos. Afirma que sua instrução vem do Pórtico de Salomão que o ensinou a buscar a Deus com singeleza de coração. Ele não aceita produzir um cristianismo misturado com o estoicismo, como platonismo ou ainda com a dialética. Ele quer buscar o Cristo puro, próprio dos evangelhos.

Santo Agostinho é um nome de referência fundamental na ética cristã. Detentor de uma profunda cultura humanista, soube, equacionar muito bem as grandes questões que permearam a vida cultural do seu tempo com o cristianismo. Temas como Deus, Razão, Bem, História, Destino Humano, Livre-Arbítrio e tantos outros fizeram parte do seu imenso cabedal de conhecimento. Várias de suas obras estão entre as mais importantes da literatura mundial, como os Solilóquios, Confissões, Cidade Deus e tantas outras. Sua postura foi de acolhimento da filosofia antiga seguindo as posições de São Justino. Estabelece diálogo com vários pensadores importantes da cultura grega incorporando seus pensamentos ao cristianismo primitivo que norteava sua trajetória filosófica e teológica.

Incorpora, sobretudo, a teoria de Platão, pois a considerava a mais próxima da fé cristã. Também Plotino foi incluído em seus estudos e publicações, mas como fonte secundária. O problema do relacionamento entre fé e razão considerado fundamental na escolástica medieval foi elaborado de uma forma magistral por Santo Agostinho. Não desprezou a razão, mas utilizou-se dela para aprimorar o conhecimento da fé. Enfrentou com clareza o problema da chamada “dúvida cética”, apresentando bases sólidas para o conhecimento racional, pondo no sujeito que pensa a força da sua filosofia. Agostinho afirma que vai

procurar a via do Senhor, se des-prender dos bens materiais que os homens tanto apreciam. Assim diz:

Para mim é certo que nunca devo afastar-me da autoridade de Cristo, pois não encontro outra mais firme. Quanto às questões que devem ser investigadas criticamente pela razão – pois, me encontro em tal situação que, a respeito de tudo o que seja verdadeiro, desejo impacientemente não apenas aceitar pela fé, mas também compreender pela razão –, espero encontrar entre os platônicos, o que não esteja em contradição com a nossa fé. (*Contra acadêmicos*, III, 20).

Santo Agostinho se aproxima das idéias de Platão e as reinterpreta – sobretudo, a teoria das idéias –, para explicar a teoria da criação. A teoria da criação tal qual Agostinho apresentou contribuiu em muito para a evolução do pensamento cristão neste campo. Para ele, Deus cria as coisas a partir de modelos imutáveis e eternos, que são as idéias divinas semeadas no seio da humanidade. Estas idéias encontram-se presentes na própria mente de Deus espalhada sinteticamente nas pessoas. Para comprovar suas idéias, estuda o livro do Gênesis e explica que foi Deus o criador de todas as coisas, que sem Ele nada poderia existir. Ele as conheceu antes de as colocar no mundo e as colocou para nossa glória e regozijo.

A obra que exerceu uma grande influência sobre a Idade Média foi *A Cidade de Deus*. Trata-se da sua reflexão sobre a história universal. Segundo Agostinho a história da humanidade é guiada por dois princípios distintos e opostos: a cidade terrena (fruto do egoísmo) a cidade celeste (fruto do amor de Deus). Estas duas realidades coexistem e se realizam na história humana encarnando na luta pessoal e social entre o bem e o mal. Somente com o juízo final esta luta ou “guerra” vai ter fim, triunfando, evidentemente, segundo Agostinho com a vitória do Bem sobre o Mal. Assim diz:

Dois amores criaram duas cidades; o amor de si, levado até o desprezo de Deus, criou a cidade terrena; o amor a Deus,

porém, levado até o desprezo de si, criou a cidade celeste. Aquela se gloria em si mesma; esta, no Senhor. Aquela busca a glória dos homens; esta tem como maior glória o testemunho de Deus em sua consciência. Aquela, na sua glória, levanta orgulhosamente sua cabeça; esta diz a Deus: sois a minha glória e quem levanta minha cabeça (SI 3,4). A primeira está dominada pela ambição do domínio nos príncipes e nações eu subjuga; nesta os superiores e súditos servem-se mutuamente na caridade, os primeiros mandando e os segundo obedecendo (*A Cidade de Deus*, XIV, 28).

Santo Agostinho, foi sem dúvida um grande baluarte da ética cristã, pois, seus pensamentos e teorias iluminaram toda a patrística estendendo-se até a Idade Média com a escolástica. Ainda hoje, muitos estudiosos da ética cristã não podem prescindir do seu pensamento ao elaborar caminhos e alternativas éticas para o nosso tempo. Sobretudo, a articulação correta entre fé e razão tão debatida no mundo atual deve ser inspirada nos livros de Santo Agostinho. Os tempos mudaram, surgiram novos contextos culturais, sociais e econômicos, mas o anseio por uma vida feliz, por uma sociedade justa inspirada nos valores cristãos, continuam no coração e, na mente de muitos cristãos.

Santo Anselmo (1033-1179) é o primeiro nome que se destaca na filosofia escolástica medieval (Séc. XI a XIV). É considerado o fundador da escolástica medieval. Continua o caminho de Agostinho na tentativa de utilizar com rigor a razão para compreender as verdades da revelação cristã. Seu lema é: "a fé na busca da compreensão" ("*Fides quaerens intellectum*"). Para este pensador em primeiro lugar está a crença (fé) e depois a compreensão. Entretanto, é fundamental uma fé compreendida, pois oferece um embasamento maior na vida religiosa, transformando o cristão adulto em matéria de espiritualidade e vivência da vida religiosa. Afirma Santo Anselmo que não se deve procurar penetrar na intimidade de Deus, porque sua inteligência jamais seria igual ou se amoldaria a Ele. Mas afirma que gostaria de compreender a verdade de Deus, pois, seu coração o ama e respeita. Diz ainda que

não busca compreender para crer, mas crer para compreender. Santo Anselmo estabelece uma correta relação entre fé e razão.

Para este pensador razão e fé se complementam e não se opõem. A razão tem a tarefa de demonstrar as verdades da fé para que ela se torne mais concreta. Trata-se então, de um racionalista que vive o que experimenta e compreende o que crê. Deste modo, ele elimina todo sentimentalismo, ou mesmo emocionãlismo vazio da vida religiosa. Santo Anselmo é um dos defensores do Argumento Ontológico, onde procura mostrar que a existência de Deus torna-se evidente também pela razão. Afirma que Deus é o Ser do qual não se pode pensar nada, pois, é incomensurável e que ele existe na inteligência e também na realidade. Assim, diz:

Se, portanto, “o ser do qual não é possível pensar nada maior” existisse somente na inteligência, este mesmo ser, do qual não se pode pensar nada maior, tornar-se-ia o ser do qual é possível, ao contrário, pensar algo maior: o que, certamente, é absurdo. Logo, “o ser do qual não se pode pensar nada maior” existe, sem dúvida, na inteligência e na realidade. (*Proslógio*, Cap, II).

Outro pensador importante da Escolástica é Pedro Abelardo (1079-1142). Na verdade, continua o trabalho de Santo Anselmo, radicalizando ainda mais as exigências da razão na arte de explicar as verdades da fé cristã. Procura sempre manter o primado da fé e da revelação; entretanto, deixa sempre possibilidades para a pesquisa racional, entendendo que esta é fundamental para a maturidade do cristão. Pedro Abelardo afirma que a fé exclui toda discussão racional, pois não é a razão que permite a crença. A crença nasce do coração, da experiência, do sentimento. A discussão então, deve se dar no domínio da fé, pois aí está o lugar central. A razão pode clarificar, ser um instrumento da compreensão, mas por si só de nada vale.

Não poderíamos deixar de mencionar Santo Tomás de Aquino (1221-1274). Figura ilustre da Escolástica, seu pensamento foi influenciado pelas teorias de Aristóteles. Assim como Agostinho

cristianizou Platão, Tomás de Aquino procurou integrar o Aristotelismo com o Cristianismo, sobretudo, em sua obra maior, intitulada *Suma Teológica*. Nos seus primórdios, a filosofia tomista encontrou muitas dificuldades no seio da Igreja Católica e nos ambientes universitários, pois se tratava de uma novidade em relação à tradição agostiniana, mas aos poucos foi penetrando no seio da sociedade e posteriormente foi considerada como a mais alta expressão da correta articulação entre Fé e Razão na Idade Média.

Santo Tomás é considerado o pensador mais original e criativo deste momento histórico. Sempre procurou conciliar teologia e filosofia, fé e razão, apresentando soluções e metodologias que vieram contribuir com a reflexão teórica apresentando uma visão de síntese bastante completa, sendo muito bem acolhida nos diversos ambientes culturais da época. Para este pensador, há distinção entre as verdades da fé e as da revelação, mas, não oposição. Ambas se completam em perfeita harmonia com seus criadores. Neste sentido, Santo Tomás se destaca pela clareza, desfazendo certas ambigüidades presentes em muitos pensadores que o precederam. Assim, afirma:

Por isso, nada impede que as mesmas coisas de que tratam as disciplinas filosóficas, na medida em que são cognoscíveis pela luz da razão natural, sejam tratadas por outra ciência, na medida em que são conhecidas pela luz da revelação divina. Por isso a teologia, enquanto ciência sagrada, difere da teologia que é parte da filosofia. (*Suma Teológica* I, Q. I, Art. 1).

John Duns Scott (1270-1308) foi outro nome importante. Embora fosse um crítico de Santo Tomás em algumas questões, seu pensamento contribuiu e muito com o desenvolvimento da ética cristã neste período. Discordava de Santo Tomás na medida em que entendia que ele fazia muitas concessões à razão humana. Duns Scott procurou dar uma dimensão única para a teologia distanciando-a de todas as formas racionalistas de pensar, pois acentuava o caráter simbólico da fé. Este modo teórico de proceder causou, evidentemente, grandes

controvérsias nesta época. Para ele, Deus é onipotente e isto pode ser constatado pela razão natural. Também é possível demonstrar que Deus pode gerar o filho, pois sua forma de ser no mundo é indelével. Mas tudo deve ser compreendido não pela razão natural, mas pela fé e pelo poder de Deus que tudo permeia.

Gostaríamos ainda de mencionar Guilherme de Ockham (1229-1350). Na verdade, este pensador continuou o pensamento de Duns Scott levando a sua radicalidade. Não só defendeu a separação entre fé e razão bem como a separação do poder do Papa e o do Imperador. Trata-se, na verdade, de um posicionamento não só teórico, próprio da Academia, mas também político, interferindo na vida social. Esta postura deu um xeque-mate nos alicerces que sustentavam a base teórica da filosofia escolástica. Para Ockham, a teologia não necessitava da razão para esclarecer ou iluminar a fé cristã. As verdades da fé (sua compreensão e estudo) estavam restritas somente aos estudos teológicos. Desta maneira, Ockham apresentou o esboço que posteriormente foi objeto da reflexão da modernidade, procurando a autonomia da razão diante da fé e dos dogmas religiosos. Para este pensador Deus é uno e trino e isto pode ser constatado pela Teologia, pressupondo-se evidentemente a fé.

É evidente que todos estes pensadores foram e continuam sendo muito importantes para a humanidade. Suas reflexões ganharam corpo, peso e uma dimensão jamais vista. A ética cristã clássica discutiu temas fundamentais, como: fé, Deus, razão, felicidade, criação e tantos outros. Hoje, de modo especial, precisamos talvez, retornar a estes temas já que a carência da humanidade é tanta e, a sua busca de Deus, de amor, de felicidade continuam cada vez maiores.

2. ÉTICA CRISTÃ HOJE: DESAFIOS E PROSPECTIVAS

A ética cristã nos tempos atuais não pode se dissociar da realidade do pensamento clássico. A nossa temporalidade está marcada

por muitos problemas oriundos de uma sociedade avançada tecnologicamente, mas pobre espiritualmente. Os maiores desafios se encontram na correta adequação entre crescimento econômico e crescimento humanístico. De nada valem as grandes descobertas, a era da informática, do ciberespaço, da revolução nas comunicações se não evoluirmos como pessoas humanas capazes de amar e sermos amados. As novas tecnologias de comunicação, sobretudo a Internet, têm proporcionado, inclusive, novas formas de relacionamento afetivo e amoroso. As pesquisas do filósofo francês Gilles Lipovetsky, por exemplo, nos indicam que o pós-modernismo nunca existiu e que a sociedade contemporânea vive hoje à beira da loucura, dividida entre a cultura do excesso e a da moderação.

Para o filósofo Giovanni Reale, os males que afetam a sociedade contemporânea podem ser resumidos nos seguintes:

o cientificismo e o redimensionamento da razão do homem em sentido tecnológico; o ideologismo absolutizado e o esquecimento do ideal do verdadeiro; o praxismo, com sua exaltação da ação pela ação e o esquecimento do ideal de contemplação; a proclamação do bem-estar material como sucedâneo da felicidade; a difusão da violência; a perda do sentido da forma; a redução do Eros à dimensão do físico e o esquecimento da “escala de amor” platônica (e do verdadeiro amor); a redução do homem a uma única dimensão e o individualismo levado ao extremo; a perda do sentido do cosmos e da finalidade de todas as coisas; o materialismo em todas as suas formas e o esquecimento do ser, a ele vinculado (REALE, G. 1999, p. 33-34).

Segundo Reale, os males são muitos e estão associados a questões tecnológicas, ecológicas, ambientais, espirituais e outras. Em nossas sociedades contemporâneas, reina uma confusão de valores, mas, sobretudo uma hegemonia dos elementos econômicos e tecnológicos. A busca do ser humano por mais emprego, trabalho, cidadania tem dificultado o seu crescimento espiritual e humanístico. Uma sociedade concentrada no ter e esquecendo do ser tem sido

configurada nos últimos tempos. Nada melhor do que buscar o equilíbrio ou o meio termo, como dizia Aristóteles.

Neste sentido, entendemos que seria fundamental uma volta aos clássicos, pois eles preconizaram de uma forma extremamente original a conquista da felicidade e do estar dos homens em sociedade. As contradições sociais inerentes a sociedade capitalista destes nossos tempos tem deixado a população completamente infeliz, ou vivendo numa felicidade ilusória. Pequenas conquistas sociais estão se transformando em vitrines de um mundo falsamente colorido. Em nosso caso, muitos intelectuais não cansam de mostrar que existe um exagerado ufanismo em torno de pequenos avanços na economia.

A ética cristã hoje não pode deixar de se converter em ética mundial. Ela precisa se inserir na discussão que notórios intelectuais como Leonardo Boff, Hans Küng, Hans Jonas e tantos outros têm desenvolvido. Sobretudo, Hans Küng com seu livro *Uma ética global para a política e a economia* (1999). Logo no prefácio deste importante livro o filósofo alemão se pergunta: “Nesta mudança de época e de paradigma em que o mundo está envolvido, com sua política, economia e cultura, não deveríamos buscar com urgência, a partir dos fundamentos espirituais da humanidade, uma orientação básica para o presente em função do futuro? Mas quem haveria de transformar tudo isso em realidade?” (Küng, H., 1999, p. 17). Por “orientação básica” Küng se refere a uma ética mundial. Ou seja, é preciso encontrar princípios, normas de conduta e valores que sejam válidos para todos os países dentro do mote da defesa da vida humana como eixo principal.

Dentro desta linha de pensamento e olhando os grandes conflitos que ameaçam a humanidade, bem como a crescente influência do terrorismo mundial, alicerçado pelo poder das religiões, não seria a hora de se pensar numa ética mundial que tenha como base o diálogo inter-religioso? Esta é uma pergunta central no pensamento de Hans Küng, pois, para ele a chave da solução dos conflitos poderia estar na presença dialogante das religiões que caracterizam este começo de século. Todas elas possuem valores que nos conduzem ao bem, à

felicidade e à paz. O diálogo entre as religiões num clima que propiciasse o encontro, a fraternidade, a colegialidade bem como propostas concretas de prevenção dos conflitos, de tolerância entre os grupos étnicos e culturais seria imprescindível para a humanidade.

Uma ética cristã também não pode deixar de ser ecológica. No contexto de um mundo globalizado o cuidado com a terra em suas múltiplas formas deve ser um dos pontos mais importantes de qualquer ética. Logo na introdução do livro *Éticas da Mundialidade* (MANCINI, 2000) são apresentadas as feridas mais dilacerantes da contemporaneidade. Eis algumas:

a invasão e os efeitos perturbadores de uma ordem econômica mundial que, para assegurar a opulência a uma parte minoritária da humanidade, produz para todos os outros a fome, o subdesenvolvimento, o desemprego, a degradação do trabalho; a crise ecológica, com intoleráveis danos à biosfera e às condições de sobrevivência das diversas formas de vida sobre a terra; a crise democrática, com a crescente desproporção entre a população e os recursos disponíveis; o aguçar-se das tensões étnicas e religiosas, das discriminações de casta e de sexo, e também a tradução irresponsável do princípio de autodeterminação dos povos; a crise das relações inter-humanas de solidariedade e a exclusão de faixas inteiras da sociedade; o recurso à guerra como resolução das controvérsias internacionais; a existência de regimes ditatoriais e o repetir-se da violação dos direitos humanos em muitos países; a expansão das organizações criminais transnacionais e do mercado mundial de drogas; o monopólio ocidental do sistema informativo-comunicativo e a homologação das culturas sob o liberalidade absoluta do Ocidente; a dificuldade de endereçar as dinâmicas e êxitos da pesquisa científica e tecnológica ao bem comum da humanidade. (MANCINI, R., 2000, p. 9).

Desta maneira, uma ética que não seja ecológica, global, aberta e sem discriminação não faz sentido neste mundo globalizado. A perda do sentido do cosmos, como afirmava o filósofo Reale, não pode nos tornar indiferentes a ao sentido da vida humana como comunidade, sociedade civil organizada. A ética individualista própria do capitalismo e seu sistema de consumo que ganhou notoriedade em nossos países está nos deixando perdidos, confusos, sem referência comunitária e muito menos planetária.

É preciso ainda valorizar as éticas aplicadas que estão fazendo história em nosso cotidiano, tais como: “Bioética”, “Ética do meio Ambiente”, “Ética dos Negócios”, “Ética e Mídias”, “Ética e Política”, e tantas outras que com sua pertinência criam canais de comunicação com a sociedade e impõem seus valores de modo decisivo sobre a conduta dos cidadãos. Apesar das “Éticas Aplicadas” nem sempre terem tido uma boa aceitação junto aos pensadores, Jaqueline Russ considera que “a idéia de partir de princípios e de retornar às diversas esferas – ciências biológicas, mídias, mundo dos negócios, etc. – parece, a priori, perfeitamente legítima” (RUSS, J. 1999, p. 135). Podemos afirmar, ainda que uma “Ética Empresarial” que se pauta pela busca da verdade nos negócios, que seja fonte inspiradora de justiça social não pode estar ausente das nossas discussões. Em artigo publicado na revista *Phrónesis* afirmo que: “com a globalização a preocupação com a ética empresarial aumentou. Empresas de todas as partes do mundo buscam uma atitude mais ética em seus comportamentos em sociedade” (TRASFERETTI, 2004, p. 12).

CONCLUSÃO

Recuperar o sentido das éticas aplicadas, da força de uma ética que seja local, mas também global, que busque ardentemente o desenvolvimento com justiça social e que abarque as religiões colocando-as em diálogo constante talvez seja um dos grandes desafios dos homens e mulheres do nosso tempo. Desafio este que deve ser trilhado por todos aqueles que possuem a boa vontade de construir um mundo

melhor. Devemos ainda superar a ética do individualismo, do levar vantagem em tudo, do jeitinho brasileiro, do sucesso a qualquer preço. Para isso é preciso realizar um enorme trabalho de conscientização social, de formação de consciências, de crítica dos comportamentos, sobretudo os fabricados pelos *massmedia*. A ética cristã hoje é imprescindível na construção de uma filosofia de vida que resgate a cidadania e arte de pensamento e a virtude da crítica num mundo pluralista e aberto. Ou ela será crítica, construtiva, inteligente, aberta, ou não servirá para nada. Desafio para todos!

BIBLIOGRAFIA

FREITAG, B. **Itinerários de Antígona – a questão da moralidade**. Campinas: Papirus, 1997.

KÜNG, H. **Uma ética global para a política e a economia mundiais**. Petrópolis: Vozes, 1999.

LECLERCQ, J. **As grandes linhas da filosofia moral**. São Paulo: Herder, 1967.

MANCINI, R. **Éticas da mundialidade**. São Paulo: Paulinas, 2000.

OLIVEIRA, M.A. **Desafios éticos da globalização**. São Paulo: Paulinas, 2001.

PEGORARO, O. **Ética e justiça**. Petrópolis: Vozes, 1995

REALI, G. **O Saber dos antigos – terapia para os tempos atuais**. São Paulo: Loyola, 1999.

ROVIGHI, V. **Elementi di filosofia**. Brescia: Editrice La Scuola, 1978

RUSS, J. **Pensamento Ético Contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 1999.

TRASFERETTI, J. A. **O Estado da Arte em Ética Empresarial**. In: Revista Phronesis, volume 6, número 1, janeiro-junho 2004, pp. 11-39.

WOLFSON, H.A., **La Filosofia dei Padri della Chiesa**. Brescia: Paidéia Editrice, 1978.